

A HUMANIDADE E A SUA HERANÇA SOMBRIA

PARTE I - O CICLO MONTARION

JOSÉ MONTEIRO

A HUMANIDADE E A SUA HERANÇA SOMBRIA

PARTE I

O CICLO MONTARION

A Humanidade e a Sua Herança Sombria
Parte I - O Ciclo Montarion

José Luís Santos Monteiro

1.^a edição, agosto de 2026.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução deste livro
para fins comerciais sem a permissão do autor.

Índice

Capítulo 1 - O Último Dia de Nibiru	8
Capítulo 2 - A Semente	14
Capítulo 3 - Operação Highjump	21
Capítulo 4 - Os Homens Sob o Gelo	31
Capítulo 5 - A Voz do Universo	60
Capítulo 6 - Entre a Vida e a Morte	88
Capítulo 7 - A Batalha de Júpiter	165
Capítulo 8 - O Último Refúgio	184
Capítulo 9 - O Preço da Vitória	194
Capítulo 10 - A Terceira Exceção	270

Capítulo 11 - A Porta Que Ninguém Abriu	332
Capítulo 12 - O Preço da Paz	380
Capítulo 13 - O Direito de Escolher	443
Capítulo 14 - Uma Noite de Paz	499
Capítulo 15 - O Primeiro Montarion	535
Capítulo 16 - As Sementes da Imperatriz	570
Capítulo 17 - O Guardião de Atlântida	607

Dizem que a verdade liberta.

Mentira.

A verdade nunca libertou ninguém.

A verdade destruiu impérios. Destruiu religiões. Destruiu famílias. E, por vezes, destruiu até aqueles que ousaram procurá-la.

Há perguntas que a Humanidade faz desde o primeiro dia em que olhou para o céu.

Estamos sozinhos?

Quem nos criou?

Porque existimos?

Mas existe uma pergunta muito mais perigosa.

E se estivermos a fazer a pergunta errada?

Talvez nunca tenha importado saber se existem outras civilizações.

Talvez a verdadeira questão seja...

Há quanto tempo vivem entre nós?

Durante milhares de anos acreditámos que escrevíamos a nossa própria História.

Escolhemos reis.

Elegemos presidentes.

Iniciámos guerras.

Celebrámos vitórias.

Mas...

E se nenhuma dessas decisões tivesse sido realmente nossa?

E se cada grande acontecimento da História tivesse sido apenas uma peça de um jogo muito mais antigo?

Um jogo onde a Humanidade nunca passou de um peão.

José Monteiro acreditava que tinha descoberto a verdade.

Estava enganado.

Porque cada resposta encontrada apenas abriu uma porta para um mistério ainda maior.

E há portas...

...que nunca deveriam ser abertas.

O meu nome é José Monteiro.

E aquilo que vou contar pode destruir tudo o que acreditamos saber sobre a Terra... e sobre nós próprios.

Capítulo 1-O Último Dia de Nibiru

Há dez milhões de anos

O espaço ardia.

Milhares de naves cruzavam o vazio, iluminando a escuridão com explosões de energia capazes de destruir luas inteiras.

Durante séculos, o Império Anunnaki resistira ao avanço reptiliano. Mas todas as guerras chegam ao momento em que deixam de ser uma batalha... e passam a ser uma execução.

A última frota Anunnaki recuava em direção ao seu mundo natal.

Nibiru.

As cidades douradas que outrora brilhavam à superfície do planeta encontravam-se envolvidas por incêndios. Torres com milhares de metros desabavam. Oceanos evaporavam sob o impacto das armas orbitais.

No céu, centenas de cruzadores reptilianos continuavam a disparar.

Dentro da nave-almirante Anunnaki, o silêncio era pesado.

Kael'Thor, membro do Conselho dos Nove, observava Nibiru pela enorme janela.

Sabia que tinham perdido.

Um oficial aproximou-se.

— Senhor... perdemos contacto com a última frota do hemisfério sul.

Kael'Thor fechou lentamente os olhos.

— Quantas naves restam?

— Dezassete.

— E os reptilianos?

O oficial hesitou.

— Mais de cinco mil.

Nenhum dos presentes respondeu.

Já não existia esperança.

Subitamente, toda a nave estremeceu.

Uma explosão abriu um enorme rasgo na fuselagem.

Alarmes ecoaram por todo o comando.

— Estão a atravessar as nossas defesas!

— Escudos a vinte por cento!

— Perdemos os motores secundários!

Kael'Thor permaneceu imóvel.

— Preparem a esfera.

Os oficiais entreolharam-se.

Um deles perguntou em voz baixa:

— Tem a certeza?

— É a única hipótese de a nossa espécie sobreviver... de alguma forma.

Num compartimento protegido por dezenas de sistemas de segurança encontrava-se uma pequena esfera metálica, pouco maior do que uma mão.

Não possuía inscrições.

Nem qualquer fonte de energia visível.

Parecia insignificante.

Kael'Thor pousou delicadamente a mão sobre ela.

— Que o Universo proteja o nosso legado.

Um engenheiro introduziu a esfera numa cápsula de lançamento.

Segundos depois...

A cápsula abandonou silenciosamente a nave e desapareceu no vazio.

Nenhum dos sensores reptilianos lhe prestou atenção.

Era demasiado pequena.

Demasiado lenta.

Demasiado... irrelevante.

Ou pelo menos assim acreditavam.

Nesse instante, dezenas de cruzadores reptilianos abriram fogo em simultâneo.

A nave-almirante Anunnaki explodiu.

Os destroços caíram sobre Nibiru como uma chuva de fogo.

Horas depois.

O planeta estava silencioso.

Já não existiam cidades.

Já não existiam oceanos.

Só ruínas.

Entre elas caminhavam centenas de soldados reptilianos, eliminando os últimos sobreviventes.

Uma mulher Anunnaki abraçava os dois filhos.

Foi executada sem hesitação.

Um ancião tentou proteger um grupo de crianças.

Também caiu.

Em poucas horas...

Toda a civilização Anunnaki desapareceu.

Ou quase.

No centro da antiga capital, vários generais reptilianos rodeavam uma figura ajoelhada.

Kael'Thor.

Coberto de sangue.

Ferido.

Mas vivo.

O comandante reptiliano ergueu a arma.

— Terminemos isto.

Um dos conselheiros deu imediatamente um passo em frente.

— Não!

— Porque não?

— Sabes quem ele é.

O comandante apertou os dentes.

— Um inimigo.

— É um membro do Conselho dos Nove.

O silêncio instalou-se.

Todos conheciam a Lei Primordial.

Desde o nascimento das grandes civilizações existia uma regra absoluta.

Quem matasse um membro do Conselho dos Nove... ou um aspirante que estivesse a realizar os desafios para ocupar esse cargo... condenaria toda a sua espécie ao extermínio.

Sem exceções.

Nem os imperadores podiam alterar essa lei.

O comandante baixou lentamente a arma.

— Então ficará vivo...

Olhou diretamente para Kael'Thor.

— Para sempre.

Os soldados afastaram-se.

Kael'Thor ficou sozinho entre os cadáveres da sua esposa...
dos seus filhos... da sua civilização.

Pela primeira vez em milhões de anos...

Um Anunnaki estava completamente sozinho no Universo.

Muito tempo depois...

Kael'Thor caminhava entre as ruínas de Nibiru.

Tentara terminar a própria existência incontáveis vezes.

Saltara para o interior de uma estrela.

Lançara-se no vazio do espaço.

Enfrentara criaturas capazes de destruir planetas.

Nada resultara.

Nunca resultava.

Começava a acreditar que o próprio Universo recusava a sua morte.

— Porque...? murmurou para o vazio.

Nenhuma resposta.

Apenas silêncio.

Levantou lentamente os olhos para as estrelas.

Algures naquele imenso Universo...

A pequena esfera continuava a viajar.

E Kael'Thor teve, pela primeira vez em milhões de anos, a estranha sensação de que ainda não tinha cumprido o seu verdadeiro destino.

Mas havia uma certeza que nunca desapareceria.

Enquanto existisse um único reptiliano vivo...

A sua guerra nunca terminaria.

Capítulo 2-A Semente

A pequena esfera metálica atravessou galáxias desconhecidas, desviou-se de estrelas moribundas, atravessou nebulosas gigantescas e sistemas solares inteiros.

Nunca alterou a sua rota.

Percorreu uma distância de milhões de anos luz.

Parecia conhecer exatamente o destino que procurava.

Até que encontrou um pequeno planeta.

A Terra.

Naquela época, era muito diferente do mundo que um dia acolheria a Humanidade.

Não existiam oceanos.

Nem florestas.

Nem animais.

A superfície era dominada por montanhas negras, rios de lava e enormes planícies rochosas. Vulcões gigantescos lançavam cinzas para uma atmosfera espessa, onde relâmpagos iluminavam continuamente um céu avermelhado.

A esfera permaneceu imóvel sobre o planeta.

Durante alguns instantes, nada aconteceu.

Depois...

Começou a crescer.

O pequeno objeto metálico aumentou lentamente de dimensão.

Primeiro tornou-se maior do que qualquer montanha.

Depois maior do que qualquer continente.

Até atingir um tamanho semelhante ao da Lua.

Toda a Terra ficou mergulhada na sua sombra.

Subitamente, milhares de fissuras abriram-se na superfície metálica.

Uma luz dourada espalhou-se pela atmosfera.

Os gases começaram a transformar-se.

As temperaturas diminuíram.

As nuvens formaram-se.

E começou a chover.
Choveu durante milhares de anos.
A água encheu as enormes depressões da superfície.
Nasceram os primeiros mares.
Depois os oceanos.
Os vulcões perderam lentamente a sua força.
A temperatura estabilizou.
A Terra deixava de ser um mundo morto.
Transformava-se num planeta capaz de sustentar vida.
Nas profundezas dos oceanos surgiram os primeiros organismos microscópicos.
Com o passar de milhões de anos, esses organismos multiplicaram-se.
Apareceram as primeiras plantas.
Depois os peixes.
Mais tarde, criaturas gigantes caminharam sobre a Terra.
Algumas desapareceram para sempre.
Outras deram origem a novas espécies.
O tempo continuou a passar.
Até que uma floresta cobriu grande parte daquele mundo.
No seu interior vivia um pequeno grupo de primatas.
Viviam apenas por instinto.
Comiam.

Dormiam.

Lutavam.

Sobreviviam.

Nesse momento, a esfera voltou a despertar.

Uma pequena abertura surgiu na sua superfície.

Dela caiu um único fruto.

Era dourado.

Brilhava como ouro líquido.

Quando atingiu o solo, libertou um aroma irresistível.

Os animais aproximaram-se.

Primeiro as aves.

Depois pequenos mamíferos.

Finalmente os primatas.

Um deles arrancou um pequeno pedaço do fruto.

Mal o engoliu, começou a sentir uma dor intensa.

Afastou-se aos gritos.

Outro tentou fazer o mesmo.

Também recuou, contorcendo-se de dor.

Poucos instantes depois, nenhum deles voltou a aproximar-se.

Todos tinham medo daquele estranho alimento.

Todos...

Exceto um.

Era um jovem macho.
Curioso.
Mais pequeno do que o líder do grupo.
Aproximou-se lentamente.
Pegou no fruto.
Observou-o durante alguns segundos.
Depois...
Começou a comê-lo.
Até não restar absolutamente nada.
Durante alguns instantes, nada aconteceu.
Então o seu corpo caiu pesadamente sobre o chão.
Um grito de dor ecoou por toda a floresta.
Os músculos começaram a crescer.
Os ossos estalavam sem parar.
A coluna vertebral endireitava-se lentamente.
As pernas tornavam-se mais longas.
Os braços encurtavam.
Os olhos brilhavam com uma intensidade nunca antes vista.
Os restantes primatas fugiram aterrorizados.
Primeiro dia.
A criatura já conseguia permanecer de pé durante alguns segundos.

As mãos moviam-se com uma precisão impossível para qualquer outro membro da espécie.

O olhar mudara.

Já não existia apenas instinto.

Existia curiosidade.

Segundo dia.

Levantou-se completamente sobre duas pernas.

Caminhou alguns metros.

Caiu.

Voltou a levantar-se.

Até conseguir manter o equilíbrio.

Terceiro dia.

Pegou numa pedra.

Rodou-a entre os dedos.

Observou cuidadosamente as suas extremidades.

Depois bateu-a contra outra.

Quando viu que uma das pedras tinha ficado afiada, voltou a bater.

E outra vez.

Até criar uma lâmina rudimentar.

Era a primeira ferramenta criada pelas suas mãos.

Quarto dia.

Começou a utilizar paus para alcançar frutos inacessíveis.

Descobriu que podia utilizar pedras para partir ossos.
Percebeu que era possível resolver problemas antes de agir.
O pensamento substituía lentamente o instinto.
Quinto dia.
Regressou ao grupo.
O antigo líder lançou-se imediatamente sobre ele.
Mas aquele combate terminou antes mesmo de começar.
A nova criatura desviou-se com facilidade.
Empunhou a pedra afiada.
E atingiu o adversário.
O líder caiu.
Ferido.
Incapaz de continuar a lutar.
Os restantes primatas permaneceram imóveis.
Nenhum se aproximou.
Nenhum o desafiou.
Um após outro...
Baixaram lentamente a cabeça.
Sem compreenderem porquê...
Reconheciam naquele ser algo completamente diferente.
Algo que nunca tinha existido naquele planeta.
Muito acima deles, a gigantesca esfera permaneceu silenciosa.

Como se observasse o resultado do seu trabalho.

Depois...

A sua luz começou lentamente a desaparecer.

E voltou a adormecer.

Enquanto, muito acima da floresta, a esfera voltava ao silêncio...

Lá em baixo...

Tudo acabara de começar.

Capítulo 3-Operação Highjump

Antártida 1947

O vento soprava com violência sobre o gelo.

A temperatura rondava os cinquenta graus negativos.

O mar estava coberto por enormes blocos de gelo que se deslocavam lentamente, esmagando tudo o que encontravam pelo caminho.

No horizonte surgiu uma frota.

Treze navios.

Milhares de homens.

Centenas de aviões.

Era a maior expedição militar alguma vez enviada para a Antártida.

Oficialmente, chamava-se Operação Highjump.

Segundo o Governo dos Estados Unidos, tratava-se apenas de uma missão científica destinada a testar equipamento militar em condições extremas.

Mas essa não era a verdadeira razão.

Durante a Segunda Guerra Mundial tinham surgido relatórios inquietantes.

Submarinos alemães tinham registado transmissões de rádio vindas do interior da Antártida.

Pilotos tinham descrito luzes impossíveis no céu.

Expedições inteiras tinham desaparecido sem deixar qualquer vestígio.

Washington decidira descobrir a verdade.

O almirante Richard E. Byrd observava a imensidão branca da ponte de comando.

Um jovem oficial aproximou-se.

— Senhor almirante, dentro de duas horas iniciaremos o desembarque.

Byrd assentiu.

— Diga aos homens para permanecerem atentos.

— Espera resistência?

O almirante olhou para o horizonte.

— Espero encontrar respostas.

Durante as primeiras semanas tudo decorreu normalmente.

As tropas montaram acampamentos.

Construíram pistas de aterragem.
Instalaram antenas de comunicação.
Os aviões iniciaram voos de reconhecimento.
Parecia apenas mais uma missão militar.
Até que, numa manhã...
Uma patrulha deixou de responder.
Doze homens.
Três veículos.
Silêncio absoluto.
Byrd ordenou imediatamente uma equipa de busca.
Encontraram apenas marcas de combate.
Armas espalhadas sobre a neve.
Vestígios de sangue.
Mas nenhum corpo.
Nenhum sobrevivente.
Como se os soldados tivessem simplesmente desaparecido.
Dois dias depois...
Os alarmes soaram.
— Aviões a aproximarem-se!
Os militares correram para as posições defensivas.
Mas os aparelhos que surgiam no horizonte não pertenciam a
nenhum país conhecido.
Eram pequenos.

Negros.

Moviam-se demasiado depressa.

Mudavam de direção sem perder velocidade.

— Abrir fogo!

As baterias antiaéreas dispararam.

Os céus encheram-se de explosões.

Uma das aeronaves foi atingida.

Caiu sobre o gelo.

Mas, antes que os americanos conseguissem aproximar-se, dezenas de homens surgiram do nada.

Usavam uniformes brancos.

Capacetes sem qualquer símbolo.

Empunhavam armas desconhecidas.

Um feixe azul atravessou um tanque americano.

O aço derreteu como manteiga.

A explosão lançou soldados a vários metros de distância.

— Cobertura!

Gritou um sargento.

As metralhadoras responderam imediatamente.

Vários daqueles homens caíram.

Mas os companheiros arrastaram os corpos antes que os americanos conseguissem alcançá-los.

Minutos depois...

Tinham desaparecido.

A guerra começara.

Janeiro.

Fevereiro.

Março.

Abril.

O conflito prolongava-se.

Cada quilómetro conquistado custava dezenas de vidas.

Os americanos enfrentavam um inimigo que parecia
conhecer cada metro daquela região gelada.

Emboscadas.

Ataques noturnos.

Aviões abatidos.

Navios danificados.

Patrulhas desaparecidas.

Nenhum dos lados conseguia obter uma vantagem decisiva.

Quase um ano passou.

Numa manhã cinzenta, Byrd decidiu acompanhar um voo de
reconhecimento.

O avião sobrevoava uma cordilheira nunca antes explorada.

Subitamente...

O copiloto apontou para a frente.

— Senhor...

Byrd aproximou-se da janela.

Entre duas montanhas existia uma abertura gigantesca.

Perfeitamente lisa.

Demasiado perfeita para ser natural.

Nesse instante, algo saiu do seu interior.

Uma aeronave.

Depois outra.

E outra.

Entravam e saíam continuamente.

Como se aquela montanha escondesse uma cidade inteira.

Byrd permaneceu em silêncio durante vários minutos.

Por fim, pegou no rádio.

— Quero uma ligação direta com Washington.

Horas mais tarde.

Pentágono.

O Secretário da Defesa ouviu atentamente o relato.

— Tem a certeza do que viu?

— Absoluta.

— Quantos são?

Byrd respirou fundo.

— Não faço ideia.

Mas são suficientes para vencer qualquer exército da Terra.

O secretário permaneceu em silêncio.

— Aguarde.

Vou informar imediatamente o Presidente.

Na Casa Branca realizou-se uma reunião de emergência.

O Presidente ouviu todos os relatórios.

Nenhum general conseguiu apresentar uma solução.

Por fim, levantou-se.

— Se essa montanha é a origem da ameaça...

...destruam-na.

O silêncio invadiu a sala.

O Secretário da Defesa olhou para o Presidente.

— Senhor...

Está a autorizar...

O Presidente interrompeu-o.

— Sim.

Autorizo.

Dias depois...

Um bombardeiro levantou voo.

Transportava a arma mais destrutiva alguma vez criada pela Humanidade.

Byrd observava tudo à distância.

O avião desapareceu entre as nuvens.

Segundos depois...

O mundo ficou branco.

Uma luz cegadora iluminou toda a Antártida.

O impacto fez tremer o gelo durante vários minutos.

Montanhas inteiras desabaram.

Uma gigantesca coluna de neve e rocha elevou-se vários quilómetros no céu.

A onda de choque derrubou homens, veículos e edifícios.

Quando o fumo começou lentamente a dissipar-se...

A entrada desaparecera.

Ou, pelo menos...

Era isso que todos acreditavam.

Semanas depois, a Operação Highjump foi oficialmente encerrada.

Os sobreviventes regressaram aos Estados Unidos.

Antes de abandonarem as bases militares, todos foram conduzidos para uma sala.

Sobre a mesa encontrava-se um único documento.

Acordo de Confidencialidade Permanente.

Quem revelasse qualquer informação sobre a missão seria acusado de traição.

Todos assinaram.

Sem exceção.

Dias depois, o Governo anunciou ao mundo uma versão completamente diferente dos acontecimentos.

A Operação Highjump fora apresentada como um sucesso científico.

Nada mais.

O Presidente reuniu novamente o Conselho de Segurança.

— Quero todos os documentos classificados.

Destruam fotografias.

Relatórios.

Gravações.

Ninguém voltará a falar disto.

Nem mesmo os futuros Presidentes dos Estados Unidos deverão conhecer esta operação.

Um dos conselheiros mostrou-se surpreso.

— Nem os futuros Presidentes?

— Quanto menos pessoas souberem...

...mais segura estará a Humanidade.

Poucos meses depois, Washington iniciou contactos diplomáticos discretos.

Nascia um novo tratado internacional.

A Antártida passaria a ser uma zona protegida.

A exploração seria fortemente limitada.

Apenas um número muito reduzido de pessoas teria autorização para permanecer naquele continente.

O resto do mundo aceitou sem levantar suspeitas.

Todos acreditavam que o objetivo era preservar um dos últimos territórios intocados do planeta.

Mas Richard E. Byrd nunca conseguiu esquecer aquilo que tinha visto.

Começou a escrever um diário.

Registou cada detalhe da operação.

Cada combate.

Cada descoberta.

Com o passar dos anos, começou também a falar.

Insinuava que existiam verdades escondidas na Antártida.

Que o Governo mentia.

Que a História oficial estava incompleta.

Anos mais tarde, Richard E. Byrd morreu em circunstâncias oficialmente classificadas como naturais. Contudo, dentro dos arquivos mais secretos da CIA existia uma única linha: Objetivo concluído.

Quando agentes federais entraram na sua casa...

O diário desaparecera.

Nunca foi encontrado.

Durante décadas, os dirigentes americanos acreditaram que tinham eliminado a ameaça.

Estavam enganados.

A explosão destruíra apenas uma das entradas.

Existiam outras.

Muito mais antigas.

Muito mais profundas.

Muito mais difíceis de encontrar.

E, sem que ninguém o percebesse...

A gigantesca explosão nuclear provocara alterações irreversíveis no equilíbrio térmico daquela região.

Décadas mais tarde, os cientistas dariam um nome ao fenómeno.

Aquecimento global.

Mas ninguém imaginava qual tinha sido, verdadeiramente, a sua origem.

Capítulo 4-Os Homens Sob o Gelo

Antártida

20 de dezembro de 2025

O primeiro avião militar americano atravessou as nuvens pouco depois das seis da manhã.

Abaixo dele, o continente parecia não ter fim.

Gelo.

Montanhas.

Tempestades.

Uma imensidão branca onde nenhum ser humano deveria conseguir sobreviver durante muito tempo.

O coronel Michael Carter observava a paisagem através da pequena janela da aeronave.

Tinha participado em missões no Iraque, no Afeganistão e em vários países cujos nomes nunca apareceriam em qualquer relatório público.

Mas nunca estivera na Antártida.

E nunca recebera ordens tão estranhas.

A voz do piloto ecoou nos auscultadores:

— Iniciamos a descida dentro de cinco minutos.

Carter confirmou com um gesto que ninguém viu.

À sua frente, quase duzentos militares aguardavam em silêncio.

Engenheiros.

Técnicos.

Forças especiais.

Especialistas em comunicações e defesa aérea.

Nos compartimentos inferiores da aeronave encontravam-se radares, sensores de movimento, sistemas de vigilância, armamento experimental e os primeiros componentes necessários para estender o Golden Dome até às regiões polares.

Oficialmente, a missão destinava-se a proteger a Antártida de qualquer infiltração reptiliana.

Segundo a teoria apresentada por José Monteiro, os reptilianos poderiam estar a acelerar o degelo dos polos para obter água para o seu próprio planeta.

A ideia parecera absurda.

Até os cientistas confirmarem a existência de anomalias energéticas inexplicáveis sob o gelo.

O Presidente dos Estados Unidos ordenara uma missão internacional.

Tropas de vários países seriam distribuídas pelos dois polos.

Câmaras, radares e sensores garantiriam uma vigilância permanente.

Nada entraria.

Nada sairia.

O avião tocou na pista improvisada.

O impacto fez estremecer toda a fuselagem.

As portas abriram-se.

O frio entrou como uma lâmina.

— Movimento! ordenou Carter.

Os soldados desceram rapidamente.

Veículos blindados começaram a abandonar os aviões de transporte.

Helicópteros sobrevoavam a região.

Equipas de engenharia avançaram para os locais previamente assinalados.

Em poucas horas, o silêncio da Antártida foi substituído por motores, ordens e estruturas metálicas.

A base recebeu a designação provisória de Sentinela Polar Um.

Ao final do primeiro dia, os americanos tinham instalado os módulos habitacionais, a central de comunicações e parte do sistema de radar.

Ao segundo dia, começaram a fixar os sensores no gelo.

Ao terceiro, estabeleceram ligação com os satélites do Golden Dome.

Nada parecia fora do normal.

Até que um dos sensores detetou movimento.

23 de dezembro de 2025

Carter encontrava-se no centro de operações quando um técnico levantou subitamente a cabeça.

— Senhor coronel...

— O que aconteceu?

— O sensor catorze registou movimento.

— Animal?

— Impossível determinar.

Carter aproximou-se do ecrã.

Um ponto vermelho aparecia e desaparecia numa região montanhosa, a quarenta quilómetros da base.

— Velocidade?

— Demasiado elevada para uma pessoa.

— Veículo?

— Não existe assinatura térmica de motor.

O coronel observou o mapa.

— Envie uma patrulha.

— Quantos homens?

— Doze. Dois veículos.

O técnico transmitiu a ordem.

A patrulha partiu vinte minutos depois.

Durante a primeira hora, tudo decorreu normalmente.

Depois, as comunicações começaram a falhar.

— Sentinela Quatro, confirme a posição.

Apenas estática.

— Sentinela Quatro, responda.

Silêncio.

Carter pegou pessoalmente no rádio.

— Capitão Reynolds, aqui coronel Carter. Informe a situação.

Uma voz surgiu entrecortada.

— Encontrámos... marcas...

— Que tipo de marcas?

— Pegadas.

— Humanas?

A ligação ficou em silêncio durante alguns segundos.

— Sim, senhor.

Carter franziu o sobrolho.

— Existem outras equipas naquela região?

O técnico verificou os registos.

— Nenhuma.

A voz de Reynolds regressou.

Desta vez mais tensa.

— As pegadas vêm da montanha.

— Existe alguma entrada?

— Não conseguimos...

Um disparo ecoou pelo rádio.

Depois outro.

Gritos.

— Contacto! Contacto!

Carter inclinou-se sobre a consola.

— Reynolds, informe!

Rajadas de metralhadora atravessaram a transmissão.

— São humanos!

— Repita!

— Humanos! Estão a usar....

A ligação terminou.

O ponto que representava a patrulha desapareceu do mapa.

Carter permaneceu imóvel.

— Envie os drones.

— Já estamos a tentar.

— Não tente. Faça.

Dois drones partiram imediatamente.

Chegaram ao local vinte e sete minutos depois.

As imagens mostraram os veículos destruídos.

Um deles estava partido ao meio.

O metal parecia ter derretido.

Não existiam corpos.

Apenas sangue sobre a neve.

E dezenas de pegadas que desapareciam junto de uma parede de gelo.

Na noite de Natal, ninguém celebrou.

Os militares permaneceram armados.

Os radares funcionavam sem interrupção.

Helicópteros patrulhavam a área.

Carter solicitou reforços.

Washington prometeu enviá-los.

Mas a tempestade atrasaria a chegada durante pelo menos dois dias.

Às três horas e dezassete minutos da manhã, todas as luzes da base apagaram-se.

Os geradores de emergência foram ativados.

Alarmes começaram a soar.

— Movimento no perímetro norte! gritou um operador.

Carter colocou o capacete.

— Quantos?

— Não consigo contar.

No exterior, dezenas de figuras avançavam no meio da tempestade.

Pareciam homens.

Usavam uniformes brancos, sem símbolos, quase invisíveis contra a neve.

Não tinham veículos.

Não tinham lanternas.

Caminhavam no meio de ventos capazes de derrubar uma pessoa.

— Identifiquem-se! ordenou um soldado americano através dos altifalantes.

As figuras continuaram a avançar.

— Esta é uma instalação militar internacional! Parem imediatamente!

Nenhuma resposta.

Carter aproximou-se da linha defensiva.

— Disparos de aviso.

Três soldados apontaram as armas para o céu.

Dispararam.

As figuras pararam.

Durante alguns segundos, ninguém se moveu.

Então uma delas ergueu o braço.

Uma luz azul atravessou a tempestade.

A torre de vigilância explodiu.

— Fogo! gritou Carter.

As metralhadoras abriram fogo.

Centenas de balas atravessaram o vento.

Algumas figuras caíram.

Outras avançaram sem hesitar.

As suas armas não produziam som.

Apenas clarões.

Cada disparo atravessava metal, gelo e carne.

Um blindado americano foi atingido.

A frente do veículo desapareceu numa explosão branca.

— Mísseis! ordenou Carter.

Dois projéteis foram lançados.

O primeiro atingiu diretamente um grupo de atacantes.

A explosão levantou uma nuvem de gelo.

O segundo desapareceu no ar antes de alcançar o alvo.

Como se tivesse sido destruído por uma barreira invisível.

Os atacantes dividiram-se.

Alguns avançaram sobre os flancos.

Outros desapareceram por baixo da neve.

— Estão a entrar pelos túneis de manutenção! — avisou uma voz pelo rádio.

Carter voltou-se.

— Equipa Bravo, protejam o centro de operações!

Uma explosão lançou-o contra uma parede metálica.

Durante alguns segundos, deixou de ouvir.

Quando recuperou os sentidos, viu soldados americanos a combaterem a poucos metros dos invasores.

Eram realmente humanos.

Tinham rostos humanos.

Olhos humanos.

Sangravam.

Mas moviam-se com uma rapidez anormal.

Um deles agarrou um militar pelo colete e lançou-o contra um veículo.

Outro utilizou uma pequena lâmina luminosa para atravessar uma arma e o homem que a segurava.

Carter levantou-se e disparou.

Três balas atingiram um atacante no peito.

A figura recuou.

O coronel disparou novamente, desta vez na cabeça.

O homem caiu.

Carter aproximou-se.

O rosto parecia normal.

Talvez tivesse quarenta anos.

Cabelo escuro.

Barba curta.

Nenhuma escama.

Nenhuma deformação.

Nenhum sinal de que fosse extraterrestre.

Apenas um homem.

Um dos soldados americanos ajoelhou-se junto do corpo.

— Quem são eles?

Carter não respondeu.

O cadáver começou subitamente a emitir uma luz branca.

— Afaste-se!

O corpo desfez-se diante deles.

Em poucos segundos, não restou nada.

Nem roupa.

Nem ossos.

Nem sangue.

— Coronel...

Carter olhou em redor.

A base estava a cair.

— Recuem para o centro de comunicações!

A batalha prolongou-se durante horas.

Os americanos resistiram edifício a edifício.

Corredor a corredor.

Os atacantes conheciam a base como se tivessem acompanhado a sua construção.

Sabiam onde estavam os geradores.

Os depósitos de munições.

As antenas.

Os componentes do Golden Dome.

Destruíam apenas os equipamentos de vigilância.

Não atacavam os depósitos de alimentos.

Nem os medicamentos.

Nem os sistemas de aquecimento.

O objetivo era claro.

Impedir que os humanos observassem aquela região.

Ao amanhecer, apenas trinta e sete militares americanos permaneciam vivos.

Carter reuniu-os no hangar principal.

— Washington ainda não respondeu?

O operador abanou a cabeça.

— Estamos completamente isolados.

— E os satélites?

— Foram bloqueados.

Uma tenente aproximou-se.

Tinha sangue no lado esquerdo do rosto.

— Senhor, encontramos sinais de movimento sob a base.

— Túneis?

— Talvez. Mas não aparecem nos mapas.

Uma explosão interrompeu-os.

A porta do hangar foi projetada para o interior.

Os atacantes entraram.

— Posições! gritou Carter.

Os americanos dispararam tudo o que tinham.

Durante minutos, o hangar transformou-se num inferno.

Balas.

Clarões azuis.

Metal derretido.

Gritos.

Homens a tombarem de ambos os lados.

Carter perdeu a arma quando uma explosão o lançou contra o chão.

Tentou levantar-se.

Uma figura surgiu diante dele.

Era um homem alto.

Cabelos compridos e escuros.

Não usava capacete.

Os seus olhos tinham uma tonalidade azul quase prateada.

Carter procurou a pistola.

O homem colocou-lhe o pé sobre a mão.

— Ainda não.

Falava inglês.

Sem sotaque.

Carter olhou à sua volta.

Os últimos soldados americanos estavam mortos.

Era o único sobrevivente.

— Quem és tu?

O desconhecido ignorou a pergunta.

Olhou para os restantes.

— Levem-no.

— Porque não me matam?

O homem fitou-o durante alguns segundos.

— Porque tu vais levar uma mensagem.

Carter recuperou a consciência dentro de um veículo que não reconhecia.

Não existiam janelas.

Nem motores audíveis.

As paredes emitiam uma luz suave.

Tinha as mãos presas por uma espécie de anel metálico.

À sua frente encontravam-se dois guardas.

Humanos.

Ou, pelo menos, pareciam humanos.

— Para onde me levam?

Nenhum respondeu.

— São americanos?

Silêncio.

— Russos?

Nada.

Carter tentou libertar as mãos.

O anel apertou-se imediatamente.

Uma dor intensa percorreu-lhe os braços.

— Não voltaria a fazer isso. disse um dos guardas.

— Quem são vocês?

O guarda olhou para ele.

— Uma pergunta melhor seria: quem são vocês?

O veículo parou.

As portas abriram-se.

Carter esperava encontrar gelo.

Em vez disso, sentiu ar quente.

Foi empurrado para o exterior.

Encontrava-se no interior de uma enorme caverna.

Mas não podia ser uma caverna.

O teto estava demasiado alto para ser visto.

Uma luz semelhante à do Sol iluminava tudo.

Existiam árvores.

Rios.

Montanhas cobertas de vegetação.

Ao longe, enormes estruturas brancas erguiam-se sobre uma planície.

Veículos silenciosos moviam-se no ar.

Carter ficou imóvel.

— Isto é impossível.

Um dos guardas empurrou-o.

— Continua.

— Onde estamos?

— Debaixo do lugar onde nunca deverias ter entrado.

Carter olhou para cima.

Não conseguia encontrar qualquer abertura.

Nem gelo.

Nem rocha.

Apenas um céu azulado.

— Isto não existe.

O guarda respondeu com frieza:

— E, no entanto, estás aqui.

Foram conduzidos por uma estrada perfeitamente lisa.

Homens, mulheres e crianças observavam-no à distância.

Todos pareciam humanos.

Alguns usavam roupas simples.

Outros vestiam uniformes semelhantes aos dos atacantes.

Nenhum demonstrava surpresa.

Como se já soubessem que ele chegaria.

Carter tentou memorizar tudo.

As estruturas.

Os veículos.

Os caminhos.

A posição das montanhas.

Mas nada fazia sentido.

Segundo os seus cálculos, deveriam encontrar-se vários quilómetros abaixo do gelo.

Ali existiam rios.

Vento.

Vegetação.

Um horizonte.

O coronel não era cientista.

Não compreendia como aquele lugar podia existir.

Apenas sabia que estava perante algo que Washington nunca imaginara encontrar.

Durante os dias seguintes, Carter permaneceu preso numa divisão confortável.

Recebia comida.

Água.

Tratamento médico.

Ninguém o interrogou.

Ninguém voltou a falar com ele.

No dia 2 de janeiro, a porta abriu-se.

O homem de olhos azul-prateados entrou.

— Levanta-te.

Carter obedeceu.

— Para onde vou?

— Vais assistir ao momento em que o vosso mundo percebe que nunca esteve sozinho.

Conduziram-no até uma sala circular.

No centro encontrava-se uma longa mesa.

À volta dela estavam sentadas doze pessoas.

Homens e mulheres.

Alguns pareciam jovens.

Outros tinham cabelos completamente brancos.

Na extremidade da sala, de pé, encontrava-se um homem alto.

Usava uma túnica escura, atravessada por linhas douradas.

O seu rosto aparentava pouco mais de cinquenta anos.

Mas havia algo nos seus olhos que fazia Carter acreditar que era muito mais velho.

Os guardas obrigaram o coronel a sentar-se.

— Quem é ele? perguntou Carter.

Ninguém respondeu.

Um enorme ecrã surgiu na parede.

Não desceu do teto.

Não se acendeu.

Simplesmente apareceu.

A imagem mostrava a Casa Branca.

Milhares de jornalistas aguardavam diante de José Monteiro e do Presidente dos Estados Unidos.

Carter reconheceu imediatamente ambos.

O Presidente aproximou-se dos microfones.

— A ONU está em estado de emergência. E o que acabaram de ouvir pode mudar o destino da Humanidade.

José preparou-se para falar.

Mas os ecrãs da sala de imprensa piscaram.

O mesmo aconteceu no interior daquela sala subterrânea.

Uma figura indefinida apareceu.

Nem luz.

Nem sombra.

Algo entre ambas.

— Eu sou Hufafa...

Carter sentiu a voz dentro da própria cabeça.

Não vinha apenas do ecrã.

Parecia atravessar-lhe os pensamentos.

Os restantes permaneceram imóveis.

Nenhum demonstrou surpresa.

— ...e venho fazer a seguinte comunicação em nome do Conselho dos Nove... que em breve poderá tornar-se Dez.

Símbolos incompreensíveis surgiram atrás da figura.

— Zhor’Khaël Montarion... o Rasgador da Luz... foi encontrado.

Carter olhou para José Monteiro no ecrã.

— É humano. Chama-se... José Monteiro.

Todos os jornalistas se voltaram para ele.

Na sala circular, ninguém desviou os olhos do ecrã.

— Pela primeira vez desde a criação do Conselho, a raça humana poderá conquistar um lugar entre as nove raças inteligentes do Universo.

Carter tentou compreender.

Nove raças.

Conselho.

Desafios.

Nada daquilo lhe era familiar.

— Foi decretado: se alguém o matar... toda a raça do ser que o matou será exterminada. Sem exceções. Sem sobreviventes.

Um dos membros da mesa respirou fundo.

O líder continuou impassível.

— Em breve, o humano iniciará os Quinze Desafios. Se for bem-sucedido... a História será reescrita.

A figura pareceu aproximar-se de José.

— O primeiro desafio será comunicado... em breve.

A imagem desapareceu.

Durante três segundos, apenas o rosto de José Monteiro permaneceu nos ecrãs da Casa Branca.

Depois, tudo voltou a piscar.

Um reptiliano surgiu de forma violenta.

— Humanos...

A criatura falou com desprezo.

— A nossa nave-mãe, posicionada perto de Júpiter, já lançou milhares de unidades de combate.

Um mapa da Terra apareceu atrás dela.

— O Reino Unido será o primeiro a cair.

A criatura sorriu.

— Não haverá piedade.

Os olhos brilharam.

— Chegaremos à Terra... em seis horas.

O sinal foi interrompido.

Jornalistas começaram a gritar.

Agentes dos serviços secretos cercaram José e o Presidente.

A transmissão terminou.

O ecrã desapareceu.

A sala circular permaneceu em silêncio.

Foi o homem de túnica escura quem falou primeiro:

— Então chegou o momento.

Uma mulher sentada à mesa olhou para ele.

— Não sabemos se ele conseguirá ultrapassar os desafios.

— Conseguirá.

— Como podes ter a certeza?

O líder olhou para o lugar onde a imagem de José estivera.

— Porque já começou a unir povos que passaram séculos a destruir-se.

Outro membro inclinou-se para a frente.

— Se cumprir a profecia, os universos serão unidos.

— Sim.

— E nós deixaremos de existir.

Carter ergueu lentamente o olhar.

Não compreendera quase nada.

Mas compreendeu aquilo.

O líder fechou os olhos durante alguns segundos.

— Os Atlantes não existem no universo unificado.

O nome fez alguns dos presentes baixarem a cabeça.

Carter fixou o homem.

Atlantes.

A palavra parecia pertencer a uma lenda.

Não àquela sala.

— Devemos eliminá-lo? perguntou um dos conselheiros.

O líder abriu os olhos.

— Não. Enquanto estiver protegido pelo Conselho, ninguém pode matá-lo sem condenar toda a sua espécie.

Não me refiro apenas à lei .

A morte de José Monteiro poderia aproximar ainda mais os universos. Transformá-lo num mártir seria um erro.

A mulher voltou a falar:

— Então como o impediremos?

O líder olhou diretamente para Carter.

— Contando-lhe a verdade.

— Sobre nós?

— E sobre o sacrifício.

O silêncio tornou-se ainda mais pesado.

Um dos conselheiros levantou-se.

— Essa informação foi escondida durante milhares de anos.

— Porque ainda não existia alguém capaz de cumprir a profecia.

— E agora?

— Agora existe.

O líder caminhou lentamente pela sala.

— José Monteiro acredita que unir os universos poderá salvar inúmeras vidas.

Parou diante do ecrã apagado.

Mas não conhece o preço.

Quando souber aquilo que terá de fazer...

Virou-se para os restantes.

Nunca aceitará unir os universos.

Carter tentou controlar a respiração.

— Que sacrifício?

Todos olharam para ele.

O líder aproximou-se.

— Essa pergunta não te pertence.

— Mataram todos os meus homens. Trouxeram-me para este lugar. Acho que tenho direito a respostas.

— Direitos são regras criadas por civilizações que acreditam controlar o próprio destino.

Carter apertou os punhos.

— O que querem de mim?

— Quero que entregues uma mensagem.

— Ao Presidente?

— Sim.

— Então porque não comunicam diretamente com ele?

— Porque, neste momento, o vosso Presidente não distinguiria um convite de uma ameaça.

O líder fez um gesto.

Dois guardas aproximaram-se.

— Vais ser levado para o Brasil.

Carter pareceu surpreendido.

— Brasil?

— A partir daí, encontrarás uma forma de regressar aos Estados Unidos.

— Não tenho documentos. Nem dinheiro. Nem sequer sei onde estou.

— Isso deixará de ser um problema quando chegares.

O líder aproximou-se mais.

— Quando estiveres perante o Presidente, dir-lhe-ás exatamente isto: José Monteiro deve vir falar comigo.

— E se ele recusar?

— Então as mortes continuarão.

Carter levantou-se de repente.

Os guardas apontaram-lhe as armas.

— Está a ameaçar os Estados Unidos?

O líder não recuou.

— Não.

A voz permaneceu calma.

— Estou a oferecer-vos uma forma de evitar outra batalha como aquela que destruiu os teus homens.

Carter olhou para ele com ódio.

— E devo confiar em si?

— Não.

A resposta surpreendeu-o.

— Deves confiar no facto de que te mantive vivo quando podia ter-te matado.

O coronel permaneceu em silêncio.

— José Monteiro virá sozinho?

— Ele poderá trazer quem considerar necessário.

— Armado?

O líder sorriu discretamente.

— As armas que conhece não representam qualquer ameaça aqui.

— Onde deverá encontrar-vos?

— Não terá de nos encontrar.

O sorriso desapareceu.

— Nós encontrá-lo-emos.

O líder voltou-se para os guardas.

— Levem-no.

Carter deu alguns passos, mas parou.

— Ainda não me disse o seu nome.

O homem observou-o durante alguns segundos.

— O meu nome não interessa.

— Para José Monteiro talvez interesse.

O líder pareceu refletir.

Depois respondeu:

— Diz-lhe apenas que o guardião de Atlântida deseja falar com ele.

Carter repetiu mentalmente as palavras.

Guardião de Atlântida.

— E como poderá saber que não estou a inventar tudo isto?

O líder aproximou-se uma última vez.

— Conta-lhe que sabemos qual é o sacrifício.

A expressão do coronel mudou.

— Ele compreenderá?

— Talvez não.

O homem olhou para o lugar onde Hufafa aparecera.

— Mas compreenderá em breve.

Horas depois, Carter foi colocado dentro de uma pequena aeronave.

Não tinha asas.

Não existia cabine de comando.

Os dois guardas sentaram-se à sua frente.

— Quanto tempo demorará a viagem?

— Pouco.

A porta fechou-se.

Carter sentiu uma ligeira pressão no peito.

Depois, nada.

Quando voltou a abrir os olhos, a porta já estava aberta.

Do outro lado existia uma floresta.

O ar era quente e húmido.

Sons de insetos e aves substituíam o silêncio do gelo.

— Onde estamos?

Um dos guardas respondeu:

— Brasil.

Carter saiu lentamente.

Usava roupa civil.

No bolso encontrou dinheiro, um passaporte e um telemóvel.

— Como conseguiram isto?

Nenhum respondeu.

A aeronave começou a tornar-se transparente.

— Esperem!

O guarda de olhos escuros olhou para ele pela última vez.

— Não te esqueças da mensagem.

José Monteiro deve falar com o guardião de Atlântida.

Só assim não haverá mais mortes.

A nave desapareceu.

Carter ficou sozinho no meio da floresta.

Durante vários minutos, não se moveu.

Depois olhou para o telemóvel.

Não tinha qualquer número guardado.

Apenas uma mensagem escrita no ecrã:

Contacte o Presidente dos Estados Unidos.

Por baixo, encontrava-se uma sequência de números.

Carter reconheceu o código.

Era uma linha de emergência militar conhecida apenas por alguns comandantes americanos.

Carregou no botão de chamada.

A ligação foi atendida quase imediatamente.

— Identifique-se.

O coronel respirou fundo.

— Coronel Michael Carter. Comandante da missão Sentinela Polar Um.

Do outro lado, instalou-se um silêncio absoluto.

Por fim, uma voz respondeu:

— Isso é impossível.

Carter olhou para a floresta.

— Eu sei.

Fez uma pequena pausa.

— Preciso de falar diretamente com o Presidente.

— Sobre quê?

Carter recordou o mundo impossível sob o gelo.

Os homens que destruíram a sua unidade.

A voz de Hufafa.

Os Atlantes.

E o sacrifício que poderia impedir José Monteiro de unir os universos.

— Diga-lhe que sobrevivi à Antártida.

Apertou o telefone com força.

— E que não eram os reptilianos.

Capítulo 5-A Voz do Universo

O planeta não possuía nome.

Pelo menos, nenhum que pudesse ser pronunciado por uma boca humana.

Era um mundo coberto por florestas antigas, montanhas negras e rios que brilhavam durante a noite. Não existiam cidades como as da Terra. Não havia estradas, máquinas ruidosas ou torres de metal.

As árvores serviam de casas.

As pedras guardavam memórias.

E o vento transportava vozes que apenas os druidas conseguiam ouvir.

No centro da maior floresta erguia-se um círculo de monólitos.

As pedras eram mais antigas do que qualquer império conhecido.

Nenhum druida sabia quem as colocara ali.

Nem mesmo o Grande Druida.

Mas todos sabiam que, quando o Universo pretendia falar, era naquele lugar que as sombras começavam a mover-se.

Naquela noite, centenas de druidas reuniam-se em silêncio.

Homens.

Mulheres.

Criaturas com aparência humana, embora nenhum deles pertencesse verdadeiramente à Humanidade.

Usavam peles, tecidos escuros e colares feitos de ossos, madeira e fragmentos de meteoritos. Alguns tinham o rosto pintado com cinzas. Outros exibiam símbolos talhados diretamente na pele.

Nenhum se ajoelhava perante deuses.

Os druidas não acreditavam em deuses.

Acreditavam no Universo.

Não como uma força distante.

Nem como uma ideia.

Para eles, o Universo estava vivo.

Pensava.

Observava.

Escolhia.

E, por vezes, falava.

No centro do círculo encontrava-se o Grande Druida.

Era magro.

Alto.

O rosto estava marcado por linhas negras que começavam na testa e terminavam no pescoço. O cabelo comprido, quase branco, caía-lhe sobre os ombros.

Os olhos pareciam vazios.

Mas ninguém conseguia encará-los durante muito tempo.

Não segurava qualquer coroa.

Não precisava dela.

A autoridade do Grande Druida não vinha de um título.

Vinha do facto de todos acreditarem que, quando ele abria a boca, nem sempre era ele quem falava.

Diante do círculo de pedras flutuava uma superfície líquida.

Parecia água suspensa no ar.

Imagens formavam-se no seu interior.

A Casa Branca.

Jornalistas.

Militares.

O Presidente dos Estados Unidos.

E, ao lado dele, José Monteiro.

Os druidas observavam em silêncio.

Hugo encontrava-se alguns passos atrás do Grande Druida.

Ao contrário dos restantes, não conseguia permanecer imóvel.

Era alto, de cabelo escuro e desalinhado. Tinha o rosto parcialmente coberto por tinta azul e segurava um cajado feito de madeira retorcida.

Sorriu quando viu José no ecrã.

— Parece mais alto do que eu imaginava.

Ninguém respondeu.

Hugo inclinou a cabeça.

— E mais cansado.

Uma druida olhou para ele com reprovação.

— Cala-te.

— O Universo nunca me pediu silêncio.

O Grande Druida falou sem desviar os olhos das imagens:

— Ainda não.

Hugo sorriu.

A superfície líquida estremeceu.

A figura de Hufafa surgiu diante dos jornalistas.

Nem luz.

Nem sombra.

Algo entre ambas.

— Eu sou Hufafa...

A voz atravessou a floresta.

As folhas das árvores deixaram de se mover.

Os animais esconderam-se.

Até o vento pareceu desaparecer.

— ...e venho fazer a seguinte comunicação em nome do Conselho dos Nove... que em breve poderá tornar-se Dez.

Símbolos desconhecidos surgiram atrás da figura.

O Grande Druida não demonstrou surpresa.

— Zhor’Khaël Montarion... o Rasgador da Luz... foi encontrado.

Alguns druidas trocaram olhares.

Outros baixaram a cabeça.

— É humano. Chama-se José Monteiro.

Hugo observou atentamente o homem no ecrã.

— Então é mesmo ele.

O Grande Druida respondeu:

— Sempre foi.

— Pela primeira vez desde a criação do Conselho, a raça humana poderá conquistar um lugar entre as nove raças inteligentes do Universo.

Brunix encontrava-se entre os druidas mais jovens.

Tinha cabelos escuros, compridos e ondulados. Os olhos eram verdes, quase dourados quando a luz das luas atravessava as árvores.

O rosto era delicado.

Mas não frágil.

Usava uma túnica verde-escura presa por um cinto de couro e mantinha uma pequena lâmina curva junto à cintura.

Observava José com curiosidade.

Não sabia porquê.

A voz de Hufafa continuou:

— Foi decretado: se alguém o matar... toda a raça do ser que o matou será exterminada. Sem exceções. Sem sobreviventes.

Um murmúrio percorreu o círculo.

Hugo soltou um assobio.

— Isso complica bastante as coisas.

A druida ao lado voltou a repreendê-lo:

— Tens prazer em dizer o que todos pensam?

— Tenho prazer em muitas coisas.

Alguns sorriram.

O Grande Druida permaneceu imóvel.

— Em breve, o humano iniciará os Quinze Desafios. Se for bem-sucedido... a História será reescrita.

A figura de Hufafa desapareceu.

Durante alguns segundos, José Monteiro ficou sozinho no centro das imagens.

Depois surgiu o reptiliano.

A ameaça ao Reino Unido ecoou por toda a floresta.

Milhares de naves.

Uma ofensiva.

Seis horas.

Quando a transmissão terminou, a superfície líquida tornou-se negra.

Ninguém falou.

O Grande Druida ergueu lentamente a mão.

A água caiu no chão.

Nenhuma gota tocou nos pés dele.

— Hugo.

Hugo aproximou-se.

— Grande Druida.

— Vais regressar à Terra.

O sorriso surgiu imediatamente no rosto de Hugo.

— Finalmente.

Vários druidas começaram a murmurar.

Hugo abriu os braços.

— Não finjam que não estão contentes.

Uma mulher riu-se.

— Todos queremos regressar.

— Eu disse exatamente isso durante séculos.

— Também disseste muitas coisas inúteis durante séculos .
respondeu outro druida.

Hugo ignorou-o.

Olhou novamente para o Grande Druida.

— O Universo levantou a proibição de sair do planeta?

— Levantou parte dela.

O sorriso de Hugo diminuiu.

— Parte?

— Tu e outra pessoa poderão partir.

Hugo olhou à sua volta.

— Apenas dois?

— Apenas os escolhidos.

Hugo respirou fundo.

— Desde que os reptilianos destruíram completamente a Biblioteca de Alexandria...

Um dos druidas fechou os olhos.

O nome daquele lugar ainda carregava dor.

— ...e Atlântida desapareceu, fomos proibidos de abandonar este planeta . Esperámos durante milhares de anos.

O Grande Druida respondeu:

— E esperariam milhares mais, se o Universo assim ordenasse.

Hugo aproximou-se um pouco.

— Mas não ordenou.

— Não.

— Então posso regressar à Terra.

O sorriso voltou.

— Aos humanos.

Alguns druidas riram.

Hugo virou-se para eles.

— Não sejam hipócritas. Todos sentem saudades.

Uma druida de cabelos vermelhos cruzou os braços.

— Saudades da Terra ou dos humanos?

— Os humanos fazem parte da Terra.

— Sobretudo quando estão despidos . respondeu outro.

A floresta encheu-se de risos discretos.

Brunix abanou a cabeça.

O Grande Druida não sorriu.

Mas também não os censurou.

Hugo voltou-se para ele.

— Os humanos continuam a ser os nossos favoritos?

— Nunca deixaram de ser.

— Em quê? perguntou um jovem druida.

Hugo olhou para ele, incrédulo.

— Realmente precisas de perguntar?

A druida ruiva respondeu:

— Como amantes.

O jovem ficou em silêncio.

— Durante milhares de anos, os druidas misturaram-se com várias espécies. continuou ela. Mas nenhuma se compara aos humanos.

Hugo apoiou o cajado no ombro.

— São contraditórios. Impulsivos. Emocionais. Desastrados.

— E férteis . acrescentou alguém.

— E criativos .respondeu Hugo.